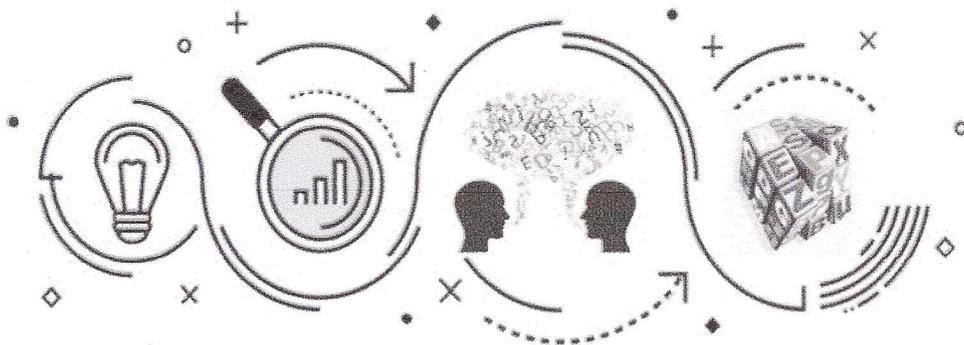
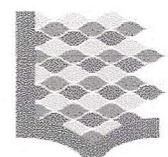


Anais do IV Seminário de Línguas da UFRRJ



Ensino de línguas e inovação:
convergências e divergências



PROFLETRAS

IV Seminário de Línguas da UFRRJ

Comissão organizadora

Angela Marina Bravin dos Santos

Gilson Costa Freire

Marli Hermenegilda Pereira

Roza Maria Palomanes Ribeiro

Wagner Alexandre dos Santos Costa

Local

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Campus Seropédica

Data

2019

ISBN

978-65-00-02622-1

Disponível em:

<https://seminariodelinguas.wixsite.com/ufrrj/publicacao>

IV SEMINÁRIO DE LÍNGUAS DA UFRRJ

ENSINO DE LÍNGUAS E INOVAÇÃO:
CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

ORGANIZADORES

ANGELA BRAVIN

GILSON FREIRE

MARLI HERMENEGILDA

ROZA PALOMANES

WAGNER COSTA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
<u>O QUE É INOVAÇÃO DO/NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA?.....</u>	6
<u>Luiz Carlos Travaglia</u>	
MULTIMODALIDADES: HIPERTEXTO E INTERTEXTUALIDADE.....	30
Alessandra Marques da Silva Fagundes e Gerson Rodrigues da Silva	
PERGUNTA INFERENCIAL E O MODO DE COMPREENSÃO LEITORA NO ENSINO.....	44
Josiane Bastos de Souza e Maria do Rosário Roxo	
EXPRESSÃO DA SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR EM TEXTOS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO CONTÍNUO DE MONITORAÇÃO ESTILÍSTICA.....	56
Maria Cristina Taveira	
CARACTERIZAÇÃO DA LEI COMO GÊNERO TEXTUAL.....	65
Thiago Wallace Rodrigues dos Santos Lopes	
RETEXTUALIZAÇÃO DOS QUADRINHOS AO CONTO : UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA UTILIZANDO ESTRATÉGIAS METACOGNITIVAS.....	82
Gabriela da Costa Silva e Roza Palomanes	
UMA ABORDAGEM PARA O ENSINO DE TEXTO ARGUMENTATIVO.....	97
Alex Jefferson Medeiros Fernandes da Silva	
MAPAS MENTAIS E <i>BRAINSTORMING</i>: ORGANIZAÇÃO DE IDEIAS PARA A PRODUÇÃO TEXTUAL.....	110
<i>Caio Miei</i> Mendonça	
O ENSINO DOS RECURSOS COESIVOS NAS AULAS DE LÍNGUA MATERNA: UMA PROPOSTA A PARTIR DO GÊNERO EDITORIAL.....	124
Renata Monteiro do Espírito Santo e Aira Suzana Ribeiro Martins	
MECANISMOS DE COESÃO REFERENCIAL E SEQUENCIAL NO GÊNERO CRÔNICA.....	138
Tiago José dos Santos	
ENSINO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O LETRAMENTO PARA O MUNDO DO TRABALHO: GÊNERO TEXTUAL <i>CURRICULUM VITAE</i>.....	149
Priscila Gomes Rosas de Oliveira	

TODAS AS MINHAS AULAS SÃO MONÓTONAS?: REFLETINDO SOBRE MOTIVAÇÃO E CO-CONSTRUINDO ENTENDIMENTOS SOBRE QUALIDADE DE VIDA EM AULAS DE LÍNGUA INGLESA.....164

Leandro Novaes da Silva

APRENDIZAGEM MÓVEL NA ESCOLA: REFLETINDO SOBRE OPORTUNIDADES DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL À LUZ DA PRÁTICA EXPLORATÓRIA178

Gleicson Fialho Sales

LÍNGUA E INTEGRAÇÃO NO DISCURSO AUTOBIOGRÁFICO DE EVELYN SCOTT.....191

Maria das Graças Salgado

UMA PROPOSTA DE RETEXTUALIZAÇÃO E REFACÇÃO DE TEXTOS PARA O GÊNERO RESENHA.....201

Andreia Cristina Jacurú Belletti

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM TEMPOS DE CRISE: É POSSÍVEL INOVAR NA SALA DE AULA?216

Rívia Fonseca

citar
como:

O QUE É INOVAÇÃO DO/NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA?

Luiz Carlos Travaglia

ILEEL/Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO

Ao falar em inovação do/no ensino de Língua Portuguesa, é preciso pensar em alguns aspectos tais como: O que representa a inovação para o espírito humano? O que representa inovação no Ensino de Língua Portuguesa? A inovação no ensino de Língua Portuguesa advém do que? Uma lei, uma nova diretriz de ensino (Lei 5692/1971, PCNs, BNCC)? Uma nova proposta teórica da Linguística? Uma nova tecnologia? Uma nova postura ou atitude diante dos fatos e ações? É preciso considerar se algo constitui realmente inovação ou é apenas uma mudança de aspecto ou forma, mas não efetivamente uma inovação.

Palavras chave: Língua Portuguesa, ensino, inovação

Introdução

Para falar sobre inovação do ou no ensino de Língua Portuguesa parece necessário, antes de mais nada, levantar alguns aspectos que parecem importantes e a seguir buscar levantar alguns momentos, atitudes, propostas, acontecimentos que poderiam ser tomados como inovação do/no ensino de Língua Portuguesa.

Aspectos sobre os quais parece necessário refletir, para falar sobre inovação do/no ensino de Língua Portuguesa, são:

- a) O que representa a inovação para o espírito humano?
- b) O que representa inovação no Ensino de Língua Portuguesa?
- c) A inovação no ensino de Língua Portuguesa advém do que?
 - ✓ Uma lei, uma nova diretriz de ensino (Lei 5692/1971, PCNs, BNCC)?
 - ✓ Uma nova proposta teórica da Linguística?
 - ✓ Uma nova tecnologia?

✓ Uma nova postura ou atitude diante dos fatos e ações?

d) É preciso considerar se algo constitui realmente inovação ou é apenas uma mudança de aspectos superficiais, mas não efetivamente uma inovação.

A **inovação** sempre foi vista pela humanidade como algo positivo, sinal de evolução, de progresso, mesmo que as pessoas muitas vezes se oponham a ela. Portanto o novo é desejado, o novo é sedutor, o novo geralmente é visto como melhor, por isso mesmo a novidade é um argumento muito forte para modificar algo. Se é novo, é bom, logo deve ser adotado. Esse ponto de partida na visão dos fatos vale também quando se fala de algo que se apresenta como novo para o ensino de Língua Portuguesa. Neste caso é preciso cautela e perguntar:

✓ É realmente novo?

✓ É realmente melhor?

Periodicamente se fala de inovação/renovação do Ensino de Língua Portuguesa. Importa, pois, falar um pouco de alguns eventos e propostas que foram apresentados como de inovação do ensino de modo mais geral e mais especificamente do Ensino de Língua Portuguesa. Para isso foram usados registros históricos, o subsídio de livros didáticos de diferentes épocas e ainda uma experiência pessoal como professor de Língua Portuguesa e de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa por mais ou menos 45 anos.

Na história do ensino de Língua Portuguesa, pode-se propor que há três períodos marcados por alguma inovação:

a) **Período 1** - antes da reforma de ensino de 1971;

b) **Período 2** - depois da reforma de ensino de 1971 (Lei 5692 de agosto de 1971) quando se propôs o ensino não só de Língua Portuguesa, mas de Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa. Esta reforma falava em Comunicação e Expressão e chamou a atenção para os elementos da comunicação e outras formas de linguagem além da língua;

c) **Período 3** - depois do aparecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais no final da década de 1990, exatamente em 1998, que chamaram muito a atenção para a dimensão sócio-interacional do uso da linguagem e a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) em dezembro de 2017.

A seguir busca-se caracterizar cada período e o que haveria de inovador no mesmo.

O ensino de Língua Portuguesa até 1970

Neste período o ensino de Língua Portuguesa era essencialmente teórico e com valorização absoluta da norma culta literária escrita que se tomava como o padrão de bom uso da língua. Aqui pode-se encontrar pelo menos dois momentos diferentes:

No **primeiro**, os livros que eram usados no ensino de Língua Portuguesa eram antologias de obras literárias. Não havia nenhum exercício proposto e assim não podemos saber como os professores trabalhavam com esses textos. Pressupomos que eles eram lidos, comentados de alguma forma em sua significação e apresentados como exemplos de uma boa forma de composição textual, talvez implicitamente uma boa forma de comunicação. O professor fazia o comentário dos textos, destacando o que achava importante.

Veja como eram anunciadas, no livro de Bachelet (1932) duas antologias da coleção F. T. D, da Livraria Francisco Alves.

(A) ANTOLOGIA ILUSTRADA F.T.D. – Oferece belíssimos trechos **em todos os gêneros de composição literária**. São leituras amenas muito interessantes para servirem de **modelo e incentivo**. Firmadas a maior parte por autores merecidamente célebres (3º livro de leitura). (*Grifos nossos*)

(B) ANTOLOGIA NACIONAL F.T.D. – Excertos de obras clássicas. Ampla matéria para **estudos mais aprofundados**. Apresenta maior variedade. Um escrínio das produções mais fulgurantes em prosa e verso, na **literatura nacional**. (4º livro de leitura). (*Grifos nossos*)

Certamente vem a nossa mente a questão de qual era o conteúdo desses “estudos mais aprofundados”? Alguns depoimentos de pessoas da época atestam que havia análise de frases, imitação do estilo, recontagem do conteúdo narrativo ou não, produção de um texto semelhante.

Num **segundo momento** do primeiro período os livros passam a apresentar, além dos textos, atividades propostas pelos autores. Essas atividades vão se concentrar em:

- ✓ Metalinguagem, análise linguística;

✓ Exercícios de vocabulário, mais especificamente sentido de palavras e sentido de expressões para ajudar a compreensão literal do texto;

✓ Perguntas sobre aspectos da construção do texto, por vezes solicitando o que significavam as construções.

Os autores dizem que os livros então são compostos por ANTOLOGIA – GRAMÁTICA – EXERCÍCIOS. Este é o caso, por exemplo, das coleções:

a) CEGALLA, Domingos Paschoal e DU ROCHER, Décio Duboc. **Português**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968 – 15ª edição;

b) NÓBREGA, Vandick Londres da e MEDEIROS, Walter. **O Idioma do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, 3ª edição;

c) LÉLLIS, Raul Moreira. **Português ou Português no Ginásio**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960, Edição: ??).

Surgia dessa forma o livro didático que se pode considerar a inovação que ocorreu no ensino de Língua Portuguesa nesse segundo momento do primeiro período. O espírito de antologia continua e os autores dizem que o conjunto de textos dos capítulos são uma antologia e comumente colocam antologias no final dos livros.

É interessante para perceber o espírito com que o ensino era feito ver como Cegalla e Du Rocher (1968, p. 13) orientam o professor sobre como usar os livros de sua coleção (Ver na página seguinte a orientação dada ao professor na página 13 de seu livro, aqui reproduzida)

A estrutura dos capítulos era geralmente a que se apresenta a seguir, evidentemente com variações nos títulos das seções e na localização de cada tipo de conhecimento em algumas seções:

✓ **Texto:**

- No período 1, esses textos são das seguintes categorias:

a) **Tipos:** narração, descrição, dissertação,

b) **Gêneros:**

- *Literários:* crônica, poemas de diversas espécies, conto, fábula, fragmentos de romances e novelas, trechos de peças teatrais (textos teatrais apenas 2 ocorrências).

Outros: carta, requerimento, ata, teatro.

- Raramente há informações sobre as categorias de texto e quando há são apenas sobre os três tipos: narração, descrição e dissertação. Não se fala em gêneros.

- Informações rápidas sobre o autor e/ou a obra de que o texto foi retirado.

- **Questionário** quase sempre sobre informações que se localizam na superfície do texto e sobre recursos linguísticos usados (como comparações, figuras, adjetivação, expressões, trechos) e eventualmente ligando-os a um valor

O ENSINO DO PORTUGUÊS ATRAVÉS DOS TEXTOS

(ao professor)

O ensino da Língua Portuguesa no Curso Secundário, para que se torne vivo, eficiente e ameno, há de ser ministrado com apoio nos excertos de bons autores modernos.

Desde a 1.^a Série Ginásial os alunos serão postos em contacto directo com os textos literários de modelares escritores nacionais.

A leitura atenta, metódica e assídua irá familiarizando o aluno com as coisas da língua, despertando nêlo o gôsto literário e desvendando-lhe progressivamente os segredos da tão bela mas não menos difícil arte da palavra.

Para que a utilização dos textos literários apresentados neste compêndio alcance o seu verdadeiro objetivo, deverá desenvolver-se dentro do seguinte esquema:

- 1) Breves considerações preliminares, feitas pelo professor, sôbre o gênero literário do texto, o autor, a obra de que foi extraído, a época em que foi escrito.
- 2) Esclarecimento de eventuais dificuldades que o texto possa apresentar aos alunos.
- 3) Leitura silenciosa e atenta do texto pelos alunos, que procurarão penetrá-lo em todos os seus aspectos (literário, gramatical e ortográfico).
- 4) Leitura oral e expressiva do texto, feita diante da turma por um aluno designado pelo mestre.
- 5) Correção de erros de dicção cometidos pelos alunos na leitura do texto.
- 6) Observações de caráter gramatical, ortográfico e estilístico, feitas pelo professor.
- 7) Interpretação escrita, ou exposição oral resumida do texto, feitas pelo aluno sob a orientação do mestre.
- 8) Exercícios gramaticais escritos baseados no texto lido ou por êle sugeridos.

D. P. C.

significativo: “Que sentimento traduz o diminutivo jangadinha”, “Encontre no texto uma expressão que significa inércia, indiferença”.

• Aqui se incluem elementos de exploração do estilo e de variação de construções para dizer algo.

✓ Exercícios de **vocabulário** quase sempre voltados para sentido de palavras usadas no texto e ainda antônimos e homônimos.

✓ Exercícios sobre **tópicos gramaticais** variados (crase, formação de palavras, classificação de períodos e orações, termos da oração, figuras de linguagem, morfologia, classes de palavras, etc.).

✓ **Redação**: quase sempre sugerida por um título ou frase em correlação com o texto visto.

Gramática: sempre teórica

✓ Exercícios sobre o tópico gramatical apresentado, na quase totalidade exercícios teóricos de classificação ou reconhecimento de elementos estudados em frases. O uso aparece mais em exercícios de acentuação, crase, concordância (este quase sempre em preenchimento de lacunas).

✓ A **expressão oral**, fica reduzida à leitura em voz alta do texto ou a orientações do tipo “Faça uma breve interpretação oral do texto acima” ou ainda uma recitação ou algo semelhante.

Neste segundo momento, observa-se ainda no ensino de Língua Portuguesa a presença de um livro que pode ser considerado uma obra que antecipa, em relação a outros livros didáticos, alguns elementos importantes em termos de ensino de Língua Portuguesa. É o livro GUIMARÃES, Magda Soares. **Português através de textos**. Belo Horizonte: Editora Bernardo Álvares S/A, 1969, 2ª edição), cuja capa vemos aqui:



Este livro, temporalmente, está dentro do segundo momento do primeiro período (sua primeira edição é de 1968) e segue estrutura semelhante à dos demais, mas apresenta algumas inovações:

✓ Na **leitura** vai propor atividades que:

a) Buscam a identificação do tema / tópico discursivo / macroestrutura do texto o que dá o sentido global, a unidade de sentido do texto que é responsável por sua coerência embora ainda não se fale em coerência;

b) Buscam o levantamento da estrutura tópica do texto com determinação dos segmentos tópicos e suas ideias centrais, o que explicita a organização hierárquica das informações contidas no texto. O esquema daí resultante vai ser usado em atividades de redação/produção de textos.

✓ No ensino de **vocabulário** vai além do trabalho apenas com sinônimos/sentido de palavras, antônimos e homônimos e começa a trabalhar coisas como sentido de expressões, diferentes sentidos de uma palavra, diferença de sentido entre sinônimos, diferentes palavras com o mesmo sentido, formação de palavras por processos diversos.

✓ Na seção **estilo**, por vezes trabalha algum elemento de coesão referencial por substituição, mas não se refere a eles como tal. Os outros livros, até onde pudemos verificar, não trabalham esse aspecto das construções.

O ensino de Língua Portuguesa a partir de 1971 com a lei 5692 de 11/08/1971

Na década de 1970 acontece a reforma do ensino proposta na lei Nº 5.692 de 11 de agosto de 1971 que, inclusive, criava o ensino profissionalizante no que correspondia ao atual Ensino Médio, mas que nunca foi real. Essa lei transforma a disciplina “Língua Portuguesa” na disciplina “Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa”. Em seu artigo 4º § 2º essa lei diz “No ensino de 1º e 2º graus dar-se-á especial relevo ao estudo da língua nacional, como **instrumento de comunicação e como expressão da cultura brasileira.**” (Grifos nossos)

Alguns livros desse período, e que por vezes declaravam estar de acordo com a nova lei 5692/71, são:

- a) SOARES, Magda e RODRIGUES, Adilson. **Comunicação em Língua Portuguesa.** Belo Horizonte: Ed. Bernardo Álvares S. A., 1973 – 1ª edição.
- b) MACIEL, Carlos; MÁRCIO, Fábio, STARLING, José e NASCIMENTO, Milton do. **Português: treinamento/criatividade.** Belo Horizonte: Ed. Vigília, 1973.
- c) SILVEIRA, Maria Helena. **Comunicação, expressão e cultura brasileira.** Petrópolis: Vozes, 1973 – 4ª edição. Concentra-se apenas em textos literários e na compreensão do texto. O livro orienta que o ensino gramatical será feito pelo professor, usando as gramáticas e o ensino de vocabulário, usando o dicionário.
- d) CORRÊA, Geraldo Guimarães. **Brasil Idioma.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S. A., 1973.
- e) MATTOS, Geraldo e BACK, Eurico. **Nossa Língua.** São Paulo: Editora F.T.D. S.A, 1972 – 1ª edição.

A inovação nesse segundo período vai ser constituída pelo seguinte:

- ✓ a introdução de teoria sobre a comunicação sobretudo os conceitos básicos que se vê no seguinte esquema.



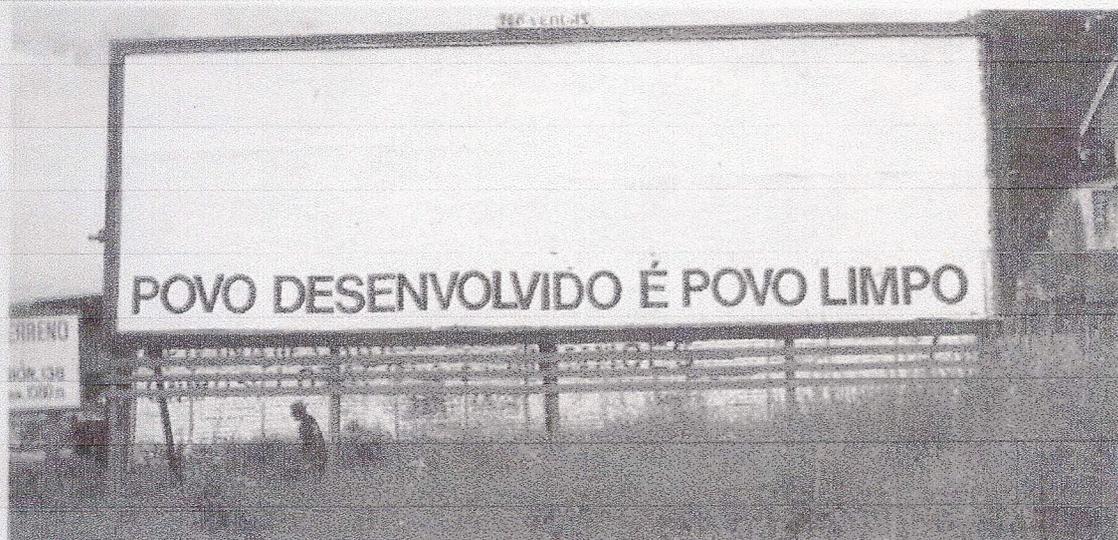
Também eram explorados os conceitos de canal, código e linguagem e ainda as ideias de codificação e decodificação.

✓ Essa teoria da comunicação desapareceu do ensino de L.P. a partir da década de 1980. Convém perguntar se não foi porque expunha a massificação feita pela mídia em geral e que não interessa para uma sociedade baseada no consumismo.

✓ Ao lado da língua entram outras linguagens (apenas em uns dois livros): desenhos, fotos, expressões fisionômicas, cores, símbolos, grafismos, etc. Alguns livros trabalhavam com mais linguagens, outros quase só com a língua e outros só com a língua. Soares e Rodrigues (1973) vão ser mais avançados nesse quesito. Os exemplos (1) e (2) são exemplos de trabalho com linguagens não verbais associadas à verbal e foram retirados de um capítulo de Soares e Rodrigues (1973) da 6ª série do ensino do primeiro grau (atual 7º ano do Ensino Fundamental) no capítulo XV (págs. 105 a 108) que tratava do personagem Sugismundo criado por agências do governo para uma campanha, cujo lema era “Povo desenvolvido é povo limpo” e campanhas criadas a partir da popularidade que o personagem ganhou na década de 1970.

(1) SOARES E RODRIGUES (1973, 107)

4. A campanha utilizou também cartazes com o slogan, como o que mostra a fotografia abaixo:



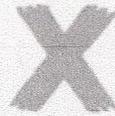
O que simboliza a parte em branco do cartaz?

(2) SOARES E RODRIGUES (1973, 108)

- 5 Numa campanha contra o lixo, a Prefeitura de Belo Horizonte utilizou o seguinte cartaz:



O que representa o



no cartaz?

✓ Aparecem **textos não literários**, sobretudo os jornalísticos (notícias, reportagens), mas também as histórias em quadrinhos, fotos, charges, tirinhas, outdoors, em alguns livros com mais frequência em outros menos. Os literários continuam, às vezes com exclusividade, mas, por vezes, com formas bem modernas como poemas figurativos e concretos. Soares e Rodrigues também são pioneiros nesse quesito.

✓ No Período 2, os textos são das seguintes categorias:

a) **Tipos:** essencialmente narração, descrição, dissertação; eventualmente o texto humorístico. Às vezes são apresentadas características dos tipos básicos: narração, descrição e dissertação.

Gêneros (não se fala explicitamente em gêneros. Quando muito o nome):

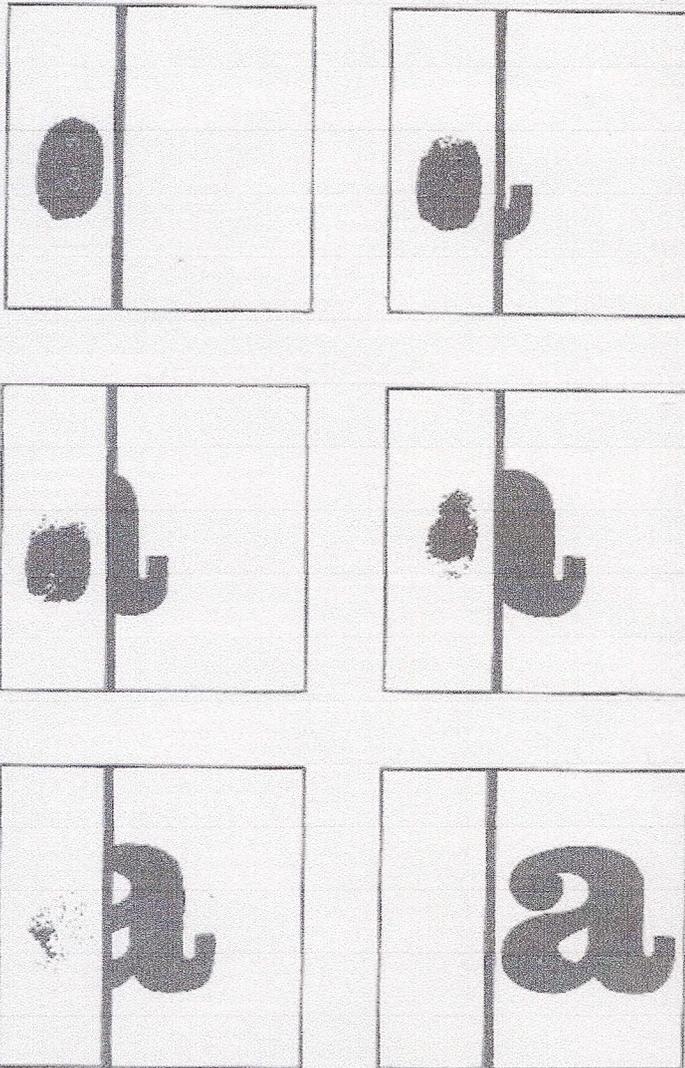
- *Literários:* crônica, poemas de diversas espécies (sonetos, poemas livres, poemas concretos), conto, fábula, fragmentos de romances e novelas, trechos de peças teatrais (pouco).

• *Outros* (quase exclusivamente em SOARES e RODRIGUES (1973 e 1974); SOARES (1982 e 1982a) e MACIEL; MÁRCIO; STARLING e NASCIMENTO (1974): carta, telegrama, bilhete, entrevista, notícia, reportagem, charge, cartum, história em quadrinhos, tiras, artigo jornalístico, requerimento, ata, teatro, propaganda (mas dentro de uma crônica literária), artigo de jornal, notícia, outdoors, letra de música, textos de outros livros didáticos, verbete de enciclopédia, anúncio publicitário, classificados, ficha de dados, cheque.

A título de ilustração de novos gêneros trabalhados e do trabalho com linguagem não verbal veja-se os exemplos (3), (4) e (5)

(3) SOARES E RODRIGUES (1973, 86). Um poema processo.

NEM SÓ AS PALAVRAS COMUNICAM



(Poema-processo de José de Arimatéa)

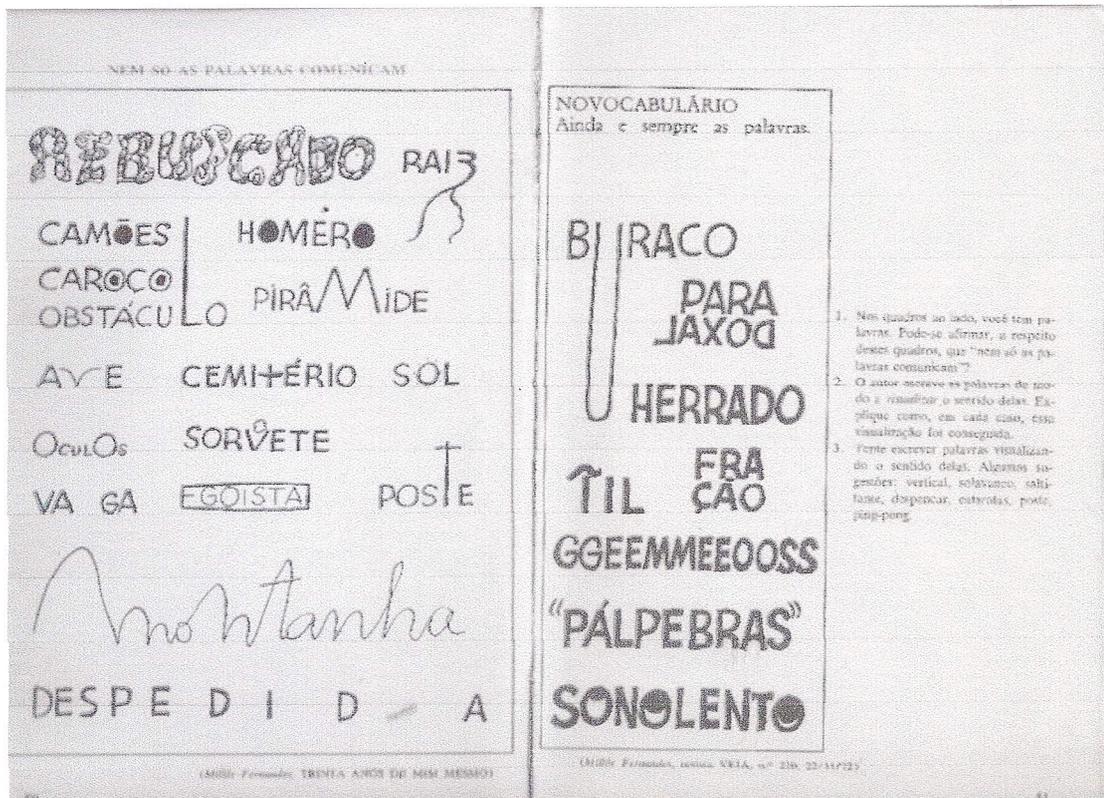
1. A impressão digital é usada para simbolizar o analfabetismo; por quê?
2. O que significa o desaparecimento gradativo da impressão digital, à medida que o *a* vai aparecendo?

86

(4) SOARES E RODRIGUES (1973, 71). Novos sinais de trânsito criados pelo humorista Claudius.



(5) SOARES E RODRIGUES (1973, 50) (Palavras com visualização de seu significado em sua forma, criadas por Millôr Fernandes.



✓ Até aqui a análise linguística focava apenas a palavra e a frase, exceto Soares e Rodrigues e Starling e Maciel que tratavam da estrutura tópica.

✓ O estudo gramatical passa a lançar mão, em alguns livros, dos **exercícios estruturais** (Cf. Starling e Maciel e Mattos e Back) que treinavam o uso e a alternância de estruturas, o que deveria contextualizar o uso, mas não se trabalha o contexto textual, embora se comece nas atividades de compreensão a correlacionar recursos linguísticos com significações presentes no texto.

✓ A **metalinguagem** não é abandonada. A teoria da gramática tradicional continua forte, mas muitas vezes passa da teoria gramatical para a teoria da comunicação.

✓ O estudo da estrutura tópica do texto (com outros nomes) para sua compreensão e produção se amplia, mas não muito, mas pelo menos para mais um livro didático.

✓ O estudo do **vocabulário** avança um pouco para além de simplesmente dizer o significado das palavras

✓ A **língua oral**, continua ausente, exceto por uma ou outra atividade de representação teatral e algum debate.

Como se observa, apesar da lei, não há realmente uma inovação muito significativa.

O ensino de Língua Portuguesa a partir do final da década de 1990 (1998) com os PCNs e de dezembro de 2017 com a BNCC

No final da década de 1990: com os PCNs institucionaliza-se o **texto como núcleo do ensino juntamente com a ideia de gêneros textuais**. Isso vai representar uma inovação bastante significativa, porque o ensino de Língua Portuguesa passa a ser feito numa perspectiva textual-discursiva e também sócio-interacional. Na década de 1980 alguns linguistas já propunham isso (Veja-se o livro de Geraldini-1987)

Livros didáticos desse período não serão elencados aqui, porque, como são mais recentes, são mais conhecidos. Os que quiserem podem buscar a lista de livros aprovados em cada PNLD a partir de 1999/2000, pois foram estes os efetivamente utilizados nas escolas, sobretudo as públicas.

O que acontece então a partir de 1998 com a publicação dos PCNs é a busca por professores e autores de livros didáticos de formas para implementar o que esses

documentos sugerem: uma abordagem textual-discursiva e sócio-interacional da língua. Mas nessa busca acontece uma espécie de desnorтеio sobre o que fazer e ainda a permanência de muito do que acontecia antes de 1998. Todavia nessa fase, progressivamente:

- ✓ começa-se a falar paulatinamente em coesão.
- ✓ Fala-se progressivamente em coerência.
- ✓ Quase nada de argumentatividade é abordado e só vai aparecer no ensino a partir de 2009 mais ou menos (não fizemos uma pesquisa detalhada para fixar a data).
- ✓ A análise linguística ainda se ressent de do foco na metalinguagem, na teoria classificatória.
- ✓ Os gêneros textuais também são objeto de muita insegurança para os professores, como centro do ensino de Língua Portuguesa, mas o número de gêneros trabalhados cresce muito e há a busca por fazer com que os alunos percebam suas características constitutivas para a produção e compreensão de textos, mas por vezes o ensino se restringe à metalinguagem.
- ✓ Como dito, no Período 3, tem sido trabalhado um número bem maior de categorias de texto, a saber:
 - a) **Tipos:** textos narrativos, injuntivos, descritivos, dissertativos, argumentativos *stricto sensu*, humorísticos, literários, líricos, dramáticos.

Todos os tipos são apresentados, por meio dos gêneros que eles compõem, mas alguns autores apresentam, em separado, características dos tipos básicos¹ – descrição, dissertação, injunção, narração e argumentação *stricto sensu*. A forma de argumentar (elementos da argumentação, operadores argumentativos, tipos de argumentos, etc.) aparece pela primeira vez explicitamente trabalhada na coleção de Travaglia, Rocha e Arruda-Fernandes (2009)

b) **Gêneros:**

- *Literários:* crônica, poemas de diversas espécies (sonetos, haicai, acróstico, poemas livres, poemas concretos, etc.), conto (completo ou

¹ - Chamamos de tipos básicos ou fundamentais aqueles que entram na composição, se não de todos os gêneros, da quase totalidade deles.

fragmento), fábula, parábola, apólogo, fragmentos de romances e novelas, trechos de peças teatrais.

- *Outros*: texto informativo; instruções; sinopses de livros, filmes e peças teatrais; contos de fada; contos maravilhosos; verbetes de dicionários e de enciclopédias; capa de livros; fichas catalográficas; tiras; histórias em quadrinhos; cartum; charge; piada; entrevista; anúncios publicitários; letras de música; receitas de comida; contas de luz, água, telefone, etc., diários; diário de pesquisa e protocolos; bilhetes; placas; cartazes; cartas; cartão; bilhetes; cartão postal; telegrama; convite; notícia; reportagem; artigo de revista ou jornal; artigo de opinião; editorial; resumo; resenha; artigo de jornal e revista; peças teatrais de gêneros diversos; panfletos; manuais de instrução para montagem e/ou utilização de aparelhos e outros; rótulos; bulas; leis e demais textos legais; regimentos; artigos científicos; folhetos e folderes; lendas; mitos; ficha técnica; memórias; biografias; provérbios; testes; declaração; atestado; relatos de experiência; depoimento; tabelas e gráficos; poemas de cordel; etc.

c) Os textos de outras linguagens ou de múltiplas linguagens são comuns: quadros/pintura; gravuras; fotos; código de trânsito; música; filme; desenho; gestos; monumentos; esculturas; mapas; etc.

Todavia, o que se percebe é que, com o conhecimento e a divulgação das teorias, basicamente, da Linguística Textual (incluídas aqui as propostas sobre categorias de texto: tipos, subtipos, gêneros e espécies), da Teoria do Discurso, da Análise da Conversação, da Semântica Argumentativa entre outras áreas da Linguística, pouco a pouco tem havido uma mudança de postura no ensino de Língua Portuguesa que, em nossa opinião, tem, realmente, trazido uma inovação nesse ensino, mas que é prejudicada por alguns aspectos, como:

a) O não conhecimento pelos professores das teorias que embasam essa inovação;

b) Uma certa resistência de uma tradição de mais de século, que não aceita abandonar a metalinguagem da teoria gramatical tradicional, sobretudo o que ficou estruturado a partir da Nomenclatura Gramatical Brasileira.

c) Uma não prática dos professores em fazerem uma análise linguística dos recursos linguísticos que não seja metalinguística e classificatória, mas que se centre no estudo dos recursos linguísticos como pistas e instruções de sentido, ou seja, como cada tipo de recurso e cada recurso em particular contribui para a significação de um texto em sua composição e como esses recursos funcionam na composição dos textos. Ou seja, uma análise centrada no sentido do texto e na função dos recursos linguísticos nesse texto, levando em conta tudo o que influencia e controla a significação e o funcionamento textual-discursivo dos recursos linguísticos².

Essa análise centrada na significação e funcionamento discursivo dos recursos linguísticos nos textos das diferentes categorias (tipos, subtipos, gêneros e espécies) para uma interação comunicativa desejada e adequada socialmente é que representa realmente uma inovação. A acomodação numa zona de conforto tem feito com que essa inovação seja atrasada, até porque nos contentamos e nos sentimos seguros com o já visto, com o experimentado, e nossas pesquisas em Linguística Aplicada têm-se contentado em descobrir que “camundongo gosta de queijo”, como disse o publicitário TOSCANI (2014). Ele afirma que “A criatividade nasce de ações inseguras. Na insegurança máxima, você consegue atingir o máximo de criatividade. Se ficar na esfera do seguro, fará mediocridades” (TOSCANI, 2014). Creio que nossa insistência em permanecer, no seguro, no conhecido, tem atrasado a inovação geral no ensino de Língua Portuguesa. Até nas formas dos exercícios nós nos repetimos.

Os PCNs foram os grandes motivadores dessa inovação que vem acontecendo, um pouco lentamente, pelas razões sugeridas há pouco, mas que vai se acelerar cada vez mais, sustentada pelo incremento, por parte dos agentes envolvidos nesse ensino de Língua Portuguesa do conhecimento das descobertas da Linguística sobre texto, discurso e funcionamento discursivo dos textos dentro de uma sociedade e cultura para uma interação comunicativa.

No que diz respeito à **BNCC**, sua implantação é muito recente (foi publicada em dezembro de 2017), mas já controlou toda a produção de livros didáticos apresentados

² - Gostaria de sugerir aqui a leitura de publicações nossas em que apresentamos estudos e propostas que, esperamos, possam contribuir significativamente para a renovação do ensino de Língua Portuguesa. Tais publicações estão disponíveis ou indicadas no site: www.lesl.ufu.br/travalia

para o PNLD 2020, sobretudo pela exigência dos órgãos reguladores de que cada volume para cada ano contemple todas as atividades elencadas nos quadros da BNCC. A não contemplação de todas foi critério para não aprovação de muitas coleções de livros didáticos pelo MEC, mesmo que muito elogiadas nos demais aspectos. Essa obrigatoriedade pode levar a um progresso real dessa inovação, já que a BNCC está toda dentro do espírito de funcionamento discursivo do texto em uma perspectiva sócio-interacional. Apesar dessa obrigatoriedade que pode trazer benefícios, deve prevalecer a liberdade de escolha de tipos de atividades e de ênfase em atividades julgadas pelos professores em sua prática diária como mais pertinentes e mais produtivas para a consecução dos objetivos

Novas tecnologias e inovação do ensino de Língua Portuguesa

Finalmente temos que falar da tão propalada inovação do ensino com o surgimento de **novas tecnologias, as chamadas TICs** (computadores, tabletes, celulares, etc- videocassetes e DVDs parece que já ficaram no passado) e serviços ligados a elas sobretudo a internet, com tudo o que ela permite: como os serviços de e-mail, milhares de aplicativos, sites e as muito conhecidas redes sociais. O que é efetivamente inovação no ensino de Língua Portuguesa por meio do uso de tecnologias? Qual tecnologia?

Uma questão importante é saber para que servem essas tecnologias no ensino de Língua Portuguesa, o que se tem feito e o que se pode fazer com elas. E já que se está falando de inovação é preciso ousar perguntar: **Como o uso dessas tecnologias representa uma inovação no ensino de Língua Portuguesa? Quais das utilizações dessas tecnologias representam realmente uma inovação?**

Esse autor fez pouca aplicação dessas tecnologias como professor de Língua Portuguesa, enquanto língua materna. No máximo:

- a) ensaiou criar softwares de “jogos” ou “atividades” que ajudassem os alunos a se aproximar de conhecimentos sobre a língua (metalinguagem) de maneira mais lúdica;
- b) estruturou curso para formação à distância de professores, buscando ajudar em metodologia para ensinar vocabulário e gramática;
- c) realizou discussões e debates sobre tópicos de Linguística monitorados à distância.

Não podemos, assim, responder as questões destacadas acima de uma maneira abrangente e pertinente, mas tenho certeza de que colegas mais familiarizados com o emprego dessas TICS e dedicados a esse uso poderão falar melhor sobre isso.

Atevemo-nos, todavia, a levantar nesse momento alguns questionamentos, que se configuram como fundamentais para decidir se há ou não inovação:

a) será que essas tecnologias (TICs) permitem realmente fazer uma inovação no ensino no que respeita às concepções sobre a constituição e funcionamento da língua, possibilitando o melhor desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos ou permitem apenas uma inovação nos meios de acesso aos materiais empregados, ampliando e facilitando esse acesso?

b) Tem-se feito realmente uma inovação? Em qual sentido? Ou tem-se apenas criado uma versão digital de práticas de ensino tradicionais?

Essas questões são pertinentes, se lembrarmos que ficou estabelecido como critério de inovação, ou seja, que uma inovação acontece no ensino de Língua Portuguesa quando há uma modificação no modo de tratar o material linguístico em sua constituição e funcionamento, o que parece acontecer muito mais pelo surgimento de novos conhecimentos teóricos sobre a língua (que geralmente acabam sendo incorporados por orientações oficiais sobre como deve ser o ensino, como é o caso dos PCNs e da BNCC que em suas propostas que colocam os textos e suas categorias como núcleo ou centro do ensino) do que pela colocação de velhos conhecimentos em roupagens novas.

Assim, a Linguística Textual (incluídas aqui as propostas sobre categorias de texto: tipos, subtipos, gêneros e espécies), a Teoria do Discurso, a Análise da Conversação, a Semântica Argumentativa, por exemplo, vão levar a mudanças inovadoras no modo de abordar os textos em sala de aula. Evidentemente a adoção de novas atitudes decorrentes de novos conhecimentos ou valores é fundamental para a ocorrência de modificações no ensino que representam inovações. Novas atitudes aliadas a novas tecnologias serão, com certeza, inovações adequadas para as novas gerações.

Até onde se pode perceber, pela experiência e observação, essas tecnologias hoje são usadas sobretudo para:

- ✓ revisão de textos;
- ✓ correção de textos particularmente na dimensão gramatical em aspectos como ortografia, acentuação, pontuação, concordância, regência,

paragrafação, estilo e o que mais aprouver. Parece ser muito difícil esse uso para a dimensão textual discursiva;

✓ atividades assemelhadas a jogos que permitem aprender algo e ainda verificar e avaliar a aprendizagem, ao que tudo indica, particularmente no que respeita a conhecimento de metalinguagem e menos de competência comunicativa ao utilizar a língua;

✓ redação de textos, usando programas apropriados a esse fim;

✓ utilização da internet para, por exemplo:

- nas atividades de produção de textos, fazer a divulgação em sites, blogs, etc. dos textos produzidos, buscando assim uma aproximação das situações de produção mais reais;

- busca e acesso mais fácil a textos e outras informações? __ Por exemplo no ensino de ortografia, ensinar os alunos a usar o VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa) no site da Academia Brasileira de Letras <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>

- realizar jogos e outras atividade para ensino e verificação/avaliação de metalinguagem.

Quais dessas atividades são uma inovação do/no ensino de Língua Portuguesa, segundo a visão proposta aqui?

Considerações finais

Nesta breve reflexão sobre inovação do/no ensino de Língua Portuguesa, três pontos ficam firmados:

a) A sugestão de que se pense com profundidade o que estamos chamando de inovação e que busquemos determinar se temos realmente algo novo ou uma mera forma nova de apresentar o mesmo.

b) A proposta de que a adoção de novas atitudes decorrentes de novos conhecimentos ou valores são fundamentais para a ocorrência de modificações no ensino de L.P. que representam inovações.

c) E o questionamento que é fundamental: essa inovação ou forma nova contribui para nosso objetivo básico no ensino de Língua Portuguesa que é desenvolver a competência comunicativa dos alunos?

Fica a desconfiança, talvez salutar, de que muito do que se chama de inovação não o é, ou é meramente uma mudança de forma que se toma como inovação. Além disso as inovações têm de ir sempre no sentido de desenvolver a competência comunicativa do aluno tanto para dizer quanto para compreender o que é dito, sem o que parece não haver um aprendizado realmente pertinente.

REFERÊNCIAS

BACHELET, Mário. *Novo manual de língua portuguesa* – Gramática, lexicologia, análise, composição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932. (Coleção de livros didáticos – F.T.D.) (Este livro ainda estava em uso pelo menos até o meio da década de 1940).

BNCC - *Bases Nacionais Comuns Curriculares*. Brasília: MEC, dezembro de 2017.

GERALDI, João Wanderley (org). *O texto na sala de aula: leitura & produção*. Cascavel: Assoeste, 1987.

LEI Nº 5.692, de de 11 de agosto de 1971 - Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.

PCN – Brasil, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106 p.

PCN – Brasil, Secretaria de Educação Fundamental.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa – Vol. 2. Brasília: MEC/SEF, 1998a. 144 p.

TOSCANI, Oliviero. As agências de publicidade são uma grande farsa. Entrevista concedida a Roberto D'Ávila no canal Globo News e publicada no portal g1.globo.com em 25/05/2014 12h50. <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2014/05/agencias-de-publicidade-sao-uma-grande-farsa-diz-oliviero-toscani.html> . Acesso em 26/02/2016

TOSCANI, Oliviero. As agências de publicidade são uma grande farsa. Entrevista concedida a Roberto D'Ávila no canal Globo News e publicada em portal.comunique-se.com.br em 04/05/2015 às 16:41. <http://portal.comunique-se.com.br/mkt-pp/77170-as-agencias-de-publicidade-sao-uma-grande-farsa-afirma-oliviero-toscani> Acesso em 26/02/2016.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; ROCHA, Maura Alves de Freitas e ARRUDA-FERNANDES, Vania Maria Bernardes. *A Aventura da Linguagem* (Língua Portuguesa)